

Apontamentos históricos acerca das comunidades.

SUZANA

Foi durante muitos anos a única missão na Guiné Bissau dos tempos modernos a ter surgido numa tabanca e não numa praça, quer dizer num ambiente cultural homogéneo e num ambiente linguístico monolítico.

Era necessário aprender a língua étnica para se poder comunicar com as pessoas: o Kriol era claramente insuficiente.

As pessoas alcançadas pela Mensagem evangélica não são indivíduos já saídos de seu meio ambiente cultural, já um bocado desenraizados e "mestiçados", mas sim grupos, pessoas que ainda vivem na sua cultura em conjunto, comunitariamente, nas suas famílias alargadas e coesas pela força da própria tradição familiar.

Os indivíduos que querem enveredar pelo caminho cristão são logo vistos como elementos que abandonam o caminho dos antepassados, que se desligam da família, que "faltam de respeito" aos grandes, depositários da tradição. Qualquer mudança no comportamento é notada logo e estigmatizada, obstaculada com a força de toda a colectividade e com o peso da troça.

O indivíduo, por si, não consegue destacar-se: deve ser grupo e se deve afastar um bocado para respirar: deve ter uma certa AUTONOMIA, reconhecida pela própria cultura.

Por outro lado, na cultura felupe, pelo menos desde meados do século XX, é verdade que uma vez casado e instalado em sua casa construída com suas próprias mãos, o felupe goza duma certa autonomia, limitada, no 70-80%, mas real, com poder de opções acerca da educação dos filhos; o que diferencia o felupe de outras etnias da Guiné em que quem manda nos filhos é o próprio irmão da mãe, e onde, às vezes, a autoridade do Régulo entra até na intimidade das casas.

Isso explica o facto de o Pe. Marmugi ter gasto bastante tempo para aprender a falar a língua felup para poder comunicar e, uma vez juntado um grupo de jovens que se acompanhava com ele, esperou que casassem e que tivessem os primeiros filhos (o que dá estabilidade ao casamento) antes de abrir as portas de acesso aos sacramentos, tendo sempre espreitado todos os caminhos para testemunhar e fazer passar a mensagem evangélica.

Em 1953 matricularam-se os primeiros 40 alunos. Aos poucos forma-se um grupo que começa a frequentar o padre. Uns vêm e voltam, outros continuam: o padre trabalha, faz redes para pescar e vai pescar com eles, vai caçar com eles, procura anzóis e vão pescar, ensina uns trabalhos... Eles crescem, escolhem as bajudas. Pe. Marmugi ainda não fala em Baptismo: devem-se consolidar, quer individualmente quer como grupo de amigos. Passam os anos, vêm as ofertas para a construção da nova missão. No entanto uns casam e constroem suas casas na tabanca, junto da casa do pai. Aparecem os primeiros filhos, os casamentos ficam consolidados. Os que agora já são homens sabem o que é o Baptismo, já tiveram catequese do padre, na língua deles, compreendem o que ele lhes diz. Mas ele ainda não fala em Baptismo: permanece a incógnita das mulheres. O mundo delas é impenetrável. O Padre vai procurando desde sempre um grupo de irmãs que venham e trabalhem com as mulheres: foi por isso que ele pediu ofertas, para construir a casa das irmãs: e veio o que chegava para construir uma missão inteira, se bem administrado.

Os "veteranos" continuam com o padre. Querem o baptismo pelo menos dos filhos. O padre consente. O primeiro é Calisto Akauá em 1960. Em 62 Víctor Guimarães, Francisca Demba, Fernando Kaliba, António Ambona.

A tabanca vê que os discípulos de pe. Marmugi já estão andando por caminhos diferentes do deles e começa a desconfiar: a coisa tornou-se séria. No entanto começam os primeiros assaltos dos nacionalistas e o recrutamento de tropas felupes, que irá acarretar mais problemas.

Em 63-64 a tabanca começa a aplicar represálias, uns dos "discípulos" do padre são batidos publicamente.

Pe. Marmugi interessa o Chefe do Posto Administrativo, Ferreira e obtêm uma porção de terreno adjacente ao da missão onde os catecúmenos possam construir suas casas fora de suas moranças, para poderem fazer seu caminho sem travar o dos outros.

Nasce assim Santa Maria, o bairro dos primeiros cristãos, em 1964. A este bairro pertencem os que escolheram Cristo Jesus: è o único critério. Não há lugar para parentes e amigos: os únicos são os que escolheram Cristo. O mesmo será para as outras tabancas.

No entanto, em Novembro do mesmo ano, começam as obrass da nova missão. Muitos foram os que se apresentaram a pedir trabalho e, de facto, muitos foram assumidos. Nasceu a lenda de que foram os trabalhadores que se baptizaram, para terem o trabalho assegurado e ganharem assim seu dinheiro.

È verdade que a vinda do dinheiro foi importante, no sentido de que o povo viu que este branco, o padre, com todo aquele dinheiro podia gozar a vida, fazer uma ponta etc., em vez estava construindo casas que ali ficariam em benefício do povo: ele nem filhos tinha a que as casas que construía.

Resta o facto que muitos que ali trabalharam não se fizeram cristãos e que houve quem se baptizou sem nunca ter trabalhado nas obras da missão. Aliás, quando se fizeram os primeiros baptizados, as obras já estavam concluídas desde tempo.

Enquanto os trabalhos continuavam, o padre não perdia tempo. Por um lado dava catequese todos os dias, em língua felup, e a mensagem ia esclarecendo-se ainda mais, com suas exigências, diante das quais muitos recuaram. Por outro lado havia o capítulo mulheres: umas nem queriam seguir os maridos a Santa Maria, porque a tabanca dissera que os filhos que já tinham morreriam e não teriam mais outros. O padre teve que recorrer até a astúcias várias para as convencer... e conseguiu com quase todas.

O fenómeno do "bairro cristão" repetiu-se mais ou menos em todas as tabancas em que nasceram comunidades cristãs. Porque aconteceu? Quais as consequências?

Não foi uma escolha, mas sim uma necessidade. O Pe. Marmugi em princípio insistia para que aguentassem nas respectivas moranças, aduzindo o facto que o sal deve estar dentro da comida para que esta tenha sabor. Só quando se viu que era impossível aguentar è que consentiu a que saíssem: era uma guerra de todos os dias, até que chegaram a bater neles; mas o pior era que, estando dentro, no meio das habitações, não estavam em segurança: a ameaça veneno era forte e não hipotética; de facto houve em quase todas as comunidades quem perdeu filhos pequeninos: basta pouco veneno, posto até no pote da água para beber guardado na varanda, para dar cabo duma criança. (Mas há casos de adultos "eliminados" fisicamente).

Foi só num segundo tempo, depois de a tabanca ter realizado que não conseguia parar o caminho deles, que se conformou e deixou de exercer represálias, pelo menos abrandou: e então começámos a ter cristãos que não tiveram que mudar de casa, continuaram a morar no meio dos outros, como acontece agora.

No entanto o facto de terem passdo a morar juntos, no bairro cristão, nem que viessem de bairross diferentes, já foi um testemunho da nova fraternidade em Cristo e também trouxe uma vantagem: a oportunidade de instaurar um molde de vida novo, ajudando-se uns aos outros material e espiritualmente e adoptando um novo estilo de educação dos filhos, um estilo cristão. Foi o princípio da possibilidade de criar uma nova "cultura", a cristã, nascida em ambiente felupe.